

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE RODAS DE CONVERSA ON-LINE COM PROFESSORES

Mariana de Castro Moreira¹
Maurício Barroso Júnior²

Resumo

O artigo tem como intencionalidade relatar e discutir a possibilidade de um espaço de conversa on-line com professores do ensino básico da rede pública de educação durante a pandemia de COVID-19, entendendo um contexto de desigualdades educacionais, como isso afeta o trabalho docente e consequentemente sua saúde psíquica. Para isso, tomou-se como ponto de partida um relato de experiência de estágio supervisionado no curso de Psicologia que propunha a realização de rodas de conversa como dispositivo de intervenção, além de uma pesquisa bibliográfica com referenciais da própria Psicologia, como a Psicodinâmica do Trabalho, e de autores da Educação, com ênfase nas contribuições político-pedagógicas da obra de Paulo Freire. Nessa perspectiva, entende-se as rodas de conversa remota no período de pandemia como um ambiente construído coletivamente com os participantes, o qual proporciona um local de diálogo, escuta e compartilhamento de experiências de suas realidades com os pares, possibilitando as ampliações de si, do mundo, de pensar e repensar as práticas educativas, as instituições e o território que habitam no sentido de fortalecê-las. E da mesma forma estimular a autonomia das participantes, suas potencialidades e capacidade criativa, no sentido de permitir a abertura e a constituição de novas estratégias subjetivas, assim como de processos formativos por meio da conversação on-line.

Palavras-chave: Rodas de conversa; Ensino remoto; Trabalho docente; Pandemia.

¹ Professora adjunta no Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF/Rio das Ostras. Coordenadora do Laboratório de Políticas Públicas do Curso de Psicologia. Áreas de interesse: Psicologia, Educação e processos de construção de conhecimentos. Movimentos Sociais, Organizações da Sociedade Civil e Políticas Públicas. Possui doutorado (2014) e mestrado (2000) em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1989-8936>. E-mail: marianacastromoreira@id.uff.br.

² Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2022). Interesse pela área de Psicologia, Educação, processos de formação, saúde do trabalhador e políticas públicas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1966-7617>. E-mail: mauriciobarrosoj@hotmail.com.

EXPERIENCE REPORT ON AN ON-LINE CONVERSATION GROUP WITH TEACHERS

Abstract

The article aims to report and discuss the possibility of a place for online conversation with elementary school teachers from the public education system during the pandemic of COVID-19, considering the context of educational inequalities, how this affects the teachers' work and consequently their psychological health. For that, it was taken as a starting point an experience report of supervised internship in the Psychology course that proposed the accomplishment of conversation groups as an intervention device, besides bibliographical research with references from Psychology itself, such as the Psychodynamics of Work, and from authors of Education, with emphasis on the political-pedagogical contributions of Paulo Freire's work. In this perspective, the remote conversations in the pandemic period are understood as an ambient built collectively with the participants, which provides a place for dialogue, listening, and sharing experiences of their realities with their peers, allowing the amplification of themselves, of the world, of thinking and rethinking the educational practices, the institutions, and the territory they inhabit in order to empower them. And in the same way, to stimulate the autonomy of the participants, their potential and creative capacity, in the sense of allowing the creation of new subjective strategies and formative processes through online conversation.

Keywords: Conversation groups; Distance education; Teacher work; Pandemic.

INFORME DE EXPERIENCIA SOBRE CÍRCULOS DE CONVERSACIÓN ON-LINE CON PROFESORES

Resumen

El artículo tiene como objetivo informar y discutir la posibilidad de un espacio de conversación on-line con profesores de escuelas primarias de la red pública de educación durante la pandemia de COVID-19, entendiendo un contexto de desigualdades educativas, cómo esto afecta el trabajo de los profesores y consecuentemente su salud psicológica. Con este propósito, se tomó como punto de partida un informe de experiencia de prácticas tuteladas en el curso

de Psicología que proponía la realización de círculos de conversación como dispositivo de intervención, además de una investigación bibliográfica con referencias de la propia Psicología, como la Psicodinámica del Trabajo, y de autores de la Educación, con énfasis en las contribuciones político-pedagógicas de la obra de Paulo Freire. En esta perspectiva, entendemos las conversaciones a distancia en el período pandémico como un ambiente construido colectivamente con los participantes, que proporciona un lugar para el diálogo, la escucha y el intercambio de experiencias de sus realidades con sus compañeros, lo que permite la expansión de sí mismos, del mundo, pensar y repensar las prácticas educativas, las instituciones y el territorio que habitan con el fin de fortalecerlos. Y del mismo modo, estimular la autonomía de los participantes, sus potencialidades y capacidad creativa, en el sentido de permitir la apertura y la constitución de nuevas estrategias subjetivas, así como de procesos formativos a partir de la conversación online.

Palabras clave: Círculos de conversación; Educación a distancia; Trabajo docente; Pandemia.

EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA: POSSIBILIDADES DURANTE O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

O presente artigo tem como proposta relatar e discutir uma experiência positiva em Rodas de Conversa on-line com professores da rede pública de ensino básico, realizadas também durante o contexto pandêmico, bem como a possibilidade de construção de um espaço coletivo, ainda que de maneira remota, o qual proporcionasse o manejo de estratégias frente aos desafios impostos ao trabalho docente durante o ensino remoto na pandemia de COVID-19, tomando atenção para todo o sofrimento vivenciado e relacionado a este momento e suas atividades.

Para isso, adiante situaremos as rodas de conversa como uma metodologia de escuta e compartilhamento de experiências no contexto da pandemia, assim como trataremos brevemente o contexto pandêmico, a necessidade de surgimento do ensino remoto no ensino básico e as implicações que foram trazidas ao trabalho do professor durante este período. Então, este trabalho tem como seus referenciais teóricos as discussões acerca das desigualdades educacionais brasileiras, a Psicodinâmica do Trabalho, as rodas

de conversa como metodologia dialógica na psicologia, os pressupostos da educação continuada de professores no seu sentido de contribuir para reflexão das condições de trabalho e seu próprio fazer, além da perspectiva freiriana no que diz respeito a uma educação dialógica em contraposição à prática de uma educação bancária.

As rodas de conversa faziam parte do programa de estágio supervisionado, etapa obrigatória da formação em Psicologia e suas proposições estavam inseridas no Laboratório de Políticas Públicas do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, em um campus do interior do estado do Rio de Janeiro. O Laboratório formaliza-se como um programa extensionista, do qual também participava, articulando assim atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária. No ano de 2021 ingressei no meu primeiro ano em estágio supervisionado, também de forma remota, já que o momento ainda não permitia a volta das atividades de ensino presenciais e lá realizamos, eu e outros colegas da equipe de estágio, as Rodas de Conversas com Professores da Rede Pública de ensino básico. O projeto surge a partir da interface entre a Educação e a Psicologia, com o objetivo de desenvolver atividades nos contextos educacionais para além dos tradicionais processos de diagnósticos, avaliação, normatização e encaminhamentos, visando fortalecer as práticas educativas, as instituições e seus atores a partir da construção coletiva do conhecimento. Portanto, enquanto estagiários do campo *psi*, tínhamos o objetivo de proporcionar com as rodas um local de diálogo, compartilhamento de experiências e saberes sobre o educar, trabalho e cidadania com os professores do ensino básico da rede pública num período de pandemia, legitimando a troca entre diferentes saberes como forma de produzir deslocamentos, desenvolver potencialidades com esses sujeitos e transformar conhecimentos e práticas.

Ainda em 2020, logo em seu terceiro mês, uma pandemia é anunciada. Um vírus atravessou continentes e viajou por todo o mundo, milhares de pessoas infectadas e outras gravemente doentes, inúmeras mortes, a incerteza e a insegurança de lidar com algo novo e desconhecido. O que suscitou o colapso dos sistemas de saúde público e privado de todos os países, o comprometimento

das relações econômicas e a necessidade de isolamento social, interrompendo o ir e vir dos sujeitos. “O comércio, as escolas, as práticas esportivas, as atividades culturais, os encontros, os contatos, as conversas e os afetos foram interrompidos, o mundo se fechou” (COUTO et al., 2020, p. 206).

A situação de pandemia levou à interrupção de diversas atividades presenciais, dentre elas também as das aulas escolares como forma de conter a propagação do vírus. Portanto, sob a ideia de que os processos escolares não podem ser interrompidos e de modo a evitar danos no processo de aprendizagem, surge o ensino remoto como modelo de educação em um período emergencial, o qual traz novos e velhos desafios para a educação brasileira. As diversas desigualdades já persistentes são evidenciadas e aprofundadas ainda mais em um contexto de distanciamento social, de realização de trabalho e estudos em casa, o qual o país se encontra pouco preparado para lidar. Os diferenciadores sociais se acentuaram e as distâncias educacionais também. Segundo destacam Oliveira e Júnior (2020), as condições de oferta da educação em um período remoto não são e não têm como ser a mesma para todos os estudantes. Na verdade, elas refletem e elucidam como são desiguais o acesso a fatores como recursos tecnológicos, apoio pedagógico, suporte nutricional, dentre outros.

As dificuldades encontradas na implementação desse modelo num país já marcado pelas desigualdades sociais, inclusive no que diz respeito em acesso à educação, alinhadas a uma súbita adaptação das aulas a uma forma remota, exigiram dos profissionais educadores a necessidade de se reinventar e ressignificar práticas (CIPRIANI, MOREIRA & CARIUS, 2021), adquirindo rapidamente conhecimentos tecnológicos, novos métodos, materiais necessários e possibilidades para garantir a continuidade das atividades e do vínculo dos discentes com as instituições de ensino. O que resultam em novas formas de trabalhar e desencadeiam nos docentes uma série de pensamentos, sentimentos e atitudes que acabam por afetar sua saúde física e mental.

Além de terem sido pegos de surpresa em um período excepcional que fez surgir a necessidade de aprender a lidar com as tecnologias e a dinâmica de

aulas on-line, os educadores precisaram lidar também com as questões sociais acerca da educação, como: os fatores socioeconômicos dos estudantes que dificultam ou impossibilitam o acesso à internet, aos materiais e o contato para manter o vínculo com a escola de alguma forma.

De acordo com Cipriani, Moreira e Carius (2021), a ansiedade, preocupação, angústia, sensação de exaustão, esgotamento, sobrecarga, estresse e tristeza relatados por professores durante este período revelam que o emocional dos educadores foi afetado por conta das novas vivências e experiências com seu trabalho. Dessa forma, a insatisfação com o trabalho e uma sobrecarga com a crescente demanda de atividades e produtividade, os tornam suscetíveis ao adoecimento físico e psíquico, chegando à depressão, ansiedade, baixa autoestima e patologias de sobrecarga.

Pensando nisso, decidimos pôr em prática o projeto das rodas de conversa durante a pandemia e então planejamos todo um esquema de divulgação, inscrição de participantes e funcionamento dos encontros que aconteceriam remotamente, através de uma plataforma de videochamadas. Apesar de um número pequeno de participantes - em média 3 a 6 participantes por encontro - as rodas aconteceram durante todo o ano e com bastante engajamento pela equipe e pelas participantes que eram todas do sexo feminino. Importante ressaltar que o grupo era formado por professoras de cidades e escolas diferentes e não se manteve com as mesmas participantes desde o seu início, ao longo dos semestres algumas deixaram de participar, outras novas chegaram para integrar, ao passo que outras permaneceram durante todos os semestres no grupo. Os encontros geralmente ocorriam quinzenalmente às quartas-feiras no horário das 19 horas e o diálogo acontecia durante uma hora ou uma hora e meia.

Por se tratar de um projeto novo e com participantes novos, fomos construindo e ditando o funcionamento desse espaço com as professoras. Apesar de termos primeiramente tido a ideia de tentar organizar temas a serem discutidos por encontro e sugerir essa ideia a elas, percebemos que a roda não funcionaria daquela forma e que elas mesmas preferiam, e, inclusive manifestaram essa preferência, de que os encontros fossem guiados pelos

assuntos e perplexidades que fossem surgindo naquele momento do encontro.

O que não nos impediu de forma alguma de também utilizarmos de recursos como músicas, notícias de jornais e televisão, textos ou charges como disparadores de conversa nos encontros.

Ao utilizar das rodas de conversa como metodologia de trabalho em um projeto de estágio da psicologia, tínhamos a intenção de construir um espaço favorável ao diálogo, onde todos pudessem falar, serem escutados e compartilharem suas ideias, pensamentos, angústias e sentimentos.

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc. [...] (WARSCHAUER, 2001, p. 179 apud MOURA & LIMA, 2014, p. 101).

Sendo assim, almejávamos construir um espaço que permitisse às professoras expressarem suas opiniões, impressões e conceitos acerca das questões que habitam o cotidiano dos que se dedicam a educar, as relações sociais que constituem os processos de educação, as instituições que a perpassa, bem como, que também provocasse um trabalho reflexivo das manifestações apresentadas pelo grupo (MELO & CRUZ, 2014). Ainda, numa perspectiva freiriana de construir a possibilidade do conhecer e da busca pelo conhecer sobre o fazer, onde as professoras pudessem também rever as suas próprias práticas e refletir sobre suas próprias ações enquanto educadores, de maneira a construir novas possibilidades, outras leituras de realidades e promover ações que busquem transformações daquilo que está instituído.

Nesse sentido, possibilitando a esses sujeitos o desenvolvimento de si, de conhecer, de pensar e repensar suas práticas, onde estão inseridas e o território que habitam. Portanto, que pudesse haver um deslocamento de ideias, “[...] uma ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo, proporcionando novos olhares e perspectivas sobre ideias naturalizadas e instituídas” (MOURA & LIMA, 2014, p. 101). E enquanto futuros profissionais

psicólogos, oferecer ainda um espaço de acolhimento para as demandas dessas profissionais, fortalecer suas autonomias, potencialidades e capacidade criativa, no sentido de permitir abertura e a constituição de novas estratégias subjetivas conjuntamente para lidarem com as questões que eram postas por elas mesmas nas rodas (CARDOSO et al., 2021).

Dessa maneira, a roda de conversa como instrumento de trabalho é curiosa, no sentido em que o pesquisador se insere também como sujeito daquela pesquisa que está sendo realizada. O sujeito que pesquisa não é algo ou alguém externo àquele meio em que está atuando, ele está inserido na conversa e dessa forma, também produz dados para a discussão (MOURA & LIMA, 2014). Entendendo a imagem que a Psicologia pode assumir num espaço como este, de caráter normativo ou de especialistas de um determinado conhecimento, tomávamos cuidado para não assumir este lugar, já que nosso objetivo era desnaturalizar essa posição e apostar na construção coletiva do conhecimento. Ademais, entendíamos que não somente assumíamos o papel de estagiários de psicologia e mediadores das rodas de conversa, mas também éramos e devíamos ser participantes ativos na conversa ao instigar o debate, provocar ideias, pensamentos, reflexões e ao mediar os conflitos ou clima que tomava conta do grupo. Nossa presença, claro, afetava o funcionamento daquele espaço, pois estávamos envolvidos no próprio diagrama de forças daquilo que investigávamos (MACHADO, 2014, p. 763).

Dessa forma, construindo coletivamente e de forma remota esse espaço ao longo do ano, fomos nos conhecendo, compartilhando e dialogando em mais um ano de pandemia. Por todos os participantes serem da área da educação, as conversas, é claro, giravam quase que sempre em torno das questões referentes a este campo e às suas atividades de trabalho. Todas as conversas, questionamentos e desabafos que trarei à frente, me instigaram profundamente a pesquisar mais detalhadamente sobre o que as participantes traziam, para entender melhor a angústia e o sofrimento que muitas das vezes expressavam em suas falas acerca da educação, da pandemia e da docência no contexto de ensino remoto, o que consequentemente resultou na pesquisa deste trabalho.

Adiante, serão trazidas falas das professoras (que não terão suas autoras expostas e serão identificadas somente através da letra P e um número) e momentos vividos durante esse tempo de conhecimento partilhado e construído, além dos deslocamentos e reflexões proporcionadas pela conversação on-line através de uma prática de estágio em Psicologia.

Construindo saberes e estratégias com professoras da rede de ensino público

Sabemos que o educar se faz no encontro, acontece também nas relações. No pensamento Freiriano, a partir de uma educação dialógica, ou seja, promovendo o diálogo entre as diferentes teorias e áreas de conhecimento, é que se tem o desafio de uma compreensão da realidade constituída e movimento da problematização, que fazem parte de uma aprendizagem de qualidade (FREITAS, L. & FREITAS, A., 2017). Portanto, a educação não é simplesmente a transmissão de conteúdo por alguém que o domina para alguém que está ali para apreendê-lo. Desse modo, em uma pandemia que por necessidade de contê-la, restringe as interações sociais e as pessoas precisam se isolar socialmente, acaba por mudar completamente os sistemas e relações educacionais.

O ensino remoto, como se desenvolveu no Brasil, acirrou de alguma forma aquilo que Freire caracterizava como uma educação bancária, que atua numa desvinculação do homem com o mundo e na domesticação dos sujeitos e da realidade, onde estes seriam concebidos como alguém dotado de consciência, mas uma consciência caracterizada por ser apenas uma parte do homem, a fim de receber os conteúdos e pedaços do mundo, os tornando meros expectadores da realidade e não um sujeito ativo no território e com os outros que também fazem parte dele. Retomando aquilo que o autor já havia destacado anos atrás:

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção "bancária", tanto mais "educados", porque adequados ao mundo (FREIRE, 1997, p. 62).

Dessa forma, restringindo as práticas educativas ainda mais às dicotomias que assumem existir um sujeito possuidor de conhecimento e outro que julga nada saber, ou ainda, de que cabe ao papel do educador facilitar e administrar a entrada do mundo nos educandos, fazendo com que sejam enchidos de conteúdo e se tornem depósitos de informações. Sendo assim, de acordo com Freire: “Não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (1997, p. 62). Nesse sentido, o autor reflete que é preciso que o educador tenha a possibilidade de ensinar como conhecer, o que não se faz apenas através da transferência de um conteúdo programado para o educando.

Os professores apontam como uma das grandes adversidades desse período o baixo retorno e a falta de contato direto com os alunos (ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA, 2020). Relatam as dificuldades de mobilizar o engajamento, a atenção e motivação dos alunos nas aulas on-line, bem como a restrição do contato visual, que era presente nas salas de aulas e o baixo retorno em falas, dúvidas e feedbacks acerca do trabalho e conteúdo. Sendo assim, é possível perceber o impacto na relação professor-aluno causado pelo modelo remoto.

Destaca-se que, por mais que haja a possibilidade de interação pelos meios tecnológicos digitais, essa parece não ser satisfatória na Educação Básica, pelo fato de restringir o olhar atendo do professor e limitar práticas que fortaleçam a participação e compreensão dos sujeitos envolvidos (CIPRIANI, MOREIRA & CARIUS, 2021, p. 11).

As professoras participantes do nosso grupo expressavam não só suas angústias devido às adversidades e perplexidades do isolamento, que assim como o recomendado, estavam seguindo, mas também como percebiam que isto alterava profundamente as formas de educar. Expressavam a saudade do contato presencial com os alunos e com a sala de aula, além de falarem sempre de forma negativa sobre como estava acontecendo o ensino remoto em suas escolas. Questionavam se de fato os alunos conseguiriam aprender e se preocupavam com o fato de muitos em suas escolas não estarem conseguindo

acompanhar as aulas remotas como deveriam (devido aos fatores socioeconômicos e dentre outros), como P2 comenta ao analisar e refletir sobre a influência disto no afastamento de muitos alunos e perda de contato dos discentes com a escola: *“Perdi o contato com muitos alunos e não sei nem se ainda continuam vivos. Como vou aprovar um aluno que não sei ainda nem se está vivo?”* Com isso, outra participante também reflete:

“[...] o Brasil são vários Brasis dentro de um só. Alguns dizem: “os bares estão funcionando, as lojas estão funcionando, porque as escolas também não podem voltar?”. Já viu como é a realidade dessas escolas? Algumas podem até ter estrutura para essa volta, mas tem algumas que às vezes dá até vergonha de chamar de escola.” (P1)

Por ser uma situação de emergência, a transposição das aulas presenciais para o modelo remoto aconteceu de forma muito rápida, sem planejamento e preparo, assim como também relatavam as professoras. Era comum as docentes se pronunciarem com indignação ao relatarem a falta de materiais disponibilizados pelos municípios e Estados, bem como a falta de formação anterior que as preparassem para este momento. As professoras se sentiam desamparadas e também sobrecarregadas pela necessidade de aprenderem de forma muito rápida novas ferramentas e métodos tecnológicos que possibilitassem as aulas remotas. Sobre isso, P3 comenta como essa necessidade repercutiu para ela: *“Tenho a sensação de que fiquei para trás, isso mexe com minha autoestima, vejo colegas criando tudo. Hoje o professor faz vídeo até no YouTube, eu gosto dessas coisas, mas não nessa cobrança que a gente tem hoje”*. Algumas professoras confessavam que não possuíam menor domínio de muitas ferramentas e que por quererem fazer algo que cativasse os alunos - o que era uma tarefa difícil no modelo remoto, estavam treinando e estudando essas formas de produzir o conteúdo de maneira diferente.

É importante ressaltar também, ainda que o ensino remoto permitisse o trabalho a partir de casa e a não necessidade de deslocamento até a escola, isso não significa redução das tarefas e carga horária de trabalho, pelo contrário. Saraiva, Traversini & Lockmann (2020) enfatizam que a inclusão da tecnologia coloca a docência na “era do 24/7 (vinte e quatro horas e sete dias

por semana)” onde as pessoas produzem ou precisam ser produtivos sem parar, o dia inteiro, e apontam o crescimento da demanda de atividades e extrapolação da carga horária antes normalmente exercida no presencial. Com o auxílio das redes sociais se tem a sensação de que os professores devem estar sempre à disposição das escolas, dos estudantes ou de sua família. A rede social, uma ferramenta de uso pessoal e lazer, passou a ser também uma ferramenta de trabalho, derrubando os limites entre a vida pessoal e profissional, entre os horários de lazer, descanso e o horário comercial. As autoras relatam horas de trabalho fora do “horário normal”, para atender demandas individuais dos alunos, pais e até mesmo para criação e correção de atividades ou desenvolvimento de conteúdo.

Durante os nossos encontros, inúmeras vezes as professoras diziam se sentir exaustas e cansadas devido à sobrecarga de tarefas que estavam realizando. Diziam estarem trabalhando ainda mais agora do que antes no ensino presencial, conforme afirma P4: *“a gente está trabalhando muito mais, estamos trabalhando além das horas que a gente costumava trabalhar antes da pandemia”*. O excesso de demandas e sobrecarga de trabalho era uma realidade durante mais um ano de ensino remoto. Além disso, falavam com bastante indignação sobre os atendimentos aos pais, alunos e gestores das escolas fora do horário comercial. *“Quando ouvia o toque do celular, eu ficava traumatizada”*, dizia P6 ao comentar sobre o medo de entrar na sua rede social e ter de responder algo sobre o trabalho em um horário que não era propício para isto. Fica nítido o relato trazido nos trechos anteriores sobre a aparente sensação do docente precisar estar disponível 24 horas por dia no modelo remoto e como isto o sobrecarregava demasiadamente.

Além disso, a questão de trazer o trabalho para dentro da própria casa era sempre constante nas rodas, como aponta uma das participantes: *“[...] nós perdemos o espaço de trabalho, não se sabe mais onde é casa e onde é trabalho”* (P5). Sempre comentavam sobre como as tarefas do trabalho invadiram o ambiente doméstico e se misturavam ou atrapalhavam as outras tarefas domésticas, ou momentos de lazer. As professoras relatavam os muitos momentos em que se abdicavam de instantes com a família ou de cuidado

consigo mesmas por precisarem se dedicar ao trabalho. Certo dia, a mesma professora da fala anterior, P5, também comentou sobre o que estava fazendo momentos antes de entrar na reunião virtual para a roda de conversa: *“estava cozinhando o feijão para a janta enquanto corrigia as atividades avaliativas dos alunos”*. Essa questão é mais uma para somar na sobrecarga dessas mulheres no período de pandemia. Precisam lidar com as tarefas domésticas, com as questões dos filhos, família e as do trabalho, tudo isso misturado em um mesmo ambiente, caracterizando mais do que uma jornada dupla de trabalho.

Apesar do momento difícil e que suscitava grandes desafios, muitas vezes ríamos, brincávamos em algumas situações e levávamos a roda com muita leveza, como pontuado por uma das participantes em dado encontro. Todos tínhamos seriedade sobre o que estávamos fazendo e sobre o que estávamos falando, porém, em nenhum momento o grupo se tornou algo pesado ou difícil de encarar. O grupo como um todo foi constituindo aquele espaço dessa forma, talvez, devido aos tantos problemas sociais e pessoais já enfrentados no dia a dia por conta da pandemia. As professoras não queriam mais uma tarefa árdua a fazer, elas diziam. Sendo assim, fomos aos poucos formando um espaço em que todas pudessem encontrar acolhimento, criar vínculos, interagir e discutir de forma saudável num período em que as relações sociais se encontravam tão restringidas devido ao isolamento social. Todos se tratavam com muito respeito e de forma receptiva, na fala e na escuta dos pares, até mesmo em momentos de discordância.

Tomando a experiência deste grupo, do qual fiz parte por um ano, onde pude ouvir as vivências e sofrimento dessas professoras durante o período de pandemia, e agora, com a constituição da pesquisa em que me dedico a estudar mais a fundo sobre todos os outros assuntos trazidos pelas professoras e no que eles se desdobram, consigo entender ainda melhor o funcionamento do trabalho que construímos e de que forma conseguimos afetar e fazer essas professoras se afetarem.

O compartilhamento das experiências e das vivências de cada uma no dia-a-dia no trabalho gerava reconhecimento e identificação pelas outras que escutavam. Bem como o compartilhamento, a construção, reflexão e

questionamentos da realidade vivida por elas mesmas sobre o seu fazer, encontrava um caminho na roda de conversa que impulsionava a constituição de estratégias de defesa e conhecimentos para lidar com os muitos desafios que surgiam naquele momento. Através dos nossos encontros e das conversações foram sendo produzidas soluções mais favoráveis para a vida destes sujeitos, estimulando as potências necessárias para dar outro sentido àquilo que elas vinham vivendo, possibilitando transformar o sofrimento patogênico, certamente intensificado pelas condições de trabalho na pandemia, em sofrimento criativo (CARDOSO et al., 2021). Esta possibilidade de transformação do sofrimento em uma saída criativa, de acordo com Dejours (2004), é o que permite dar sentido ao trabalho, a vivência e promover a construção de identidade e saúde do sujeito, superando as resistências e imprevisibilidades do real do trabalho.

Em certo encontro, uma das professoras pontua algo bem interessante sobre sua percepção de como eram as rodas de conversas: *“tem ajudado a vencer a solidão do trabalho. É também uma escuta qualificada para gente ‘chorar as pitangas’ e se sentir melhor”* (P7). Nesse sentido, de acordo com Cardoso et al. (2021, p. 56), a criatividade se expressa pela construção coletiva de defesas entre os pares e de narrativas próprias, os encontros e as conversações funcionavam, principalmente, como facilitadores da abertura para a expressão e elaboração do sofrimento. Com isso, a construção de um espaço que permitisse a abertura de trocas e de empatia com o sofrimento do outro, apoiados por uma escuta e mediação que de certa forma também são clínicas, permitiu a potencialização de experiências de compartilhamento e pertencimento dessas professoras e consequentemente possibilitando a construção de novas estratégias e a ressignificação do sofrimento próprio de cada uma, através conversa entre os pares.

Considerações finais: que sejam possíveis mais espaços de escuta, acolhimento e cuidado

Escrever sobre algo que vivemos e ainda continuamos a viver foi difícil de organizar em ideias e palavras. A pandemia de COVID-19 está no passado ou no presente? Os tempos verbais se mesclavam, fruto deste momento que estamos vivenciando. Oficializada em março de 2020, a pandemia trouxe como seus efeitos profundas transformações sociais, além de evidenciar as grandes desigualdades presentes no nosso país, seja no que diz respeito ao social, econômico ou educacional. O que talvez não era tão perceptível assim aos olhos da massa, ou propositalmente negligenciado, é escancarado cruelmente num período atravessado pelas questões sanitária e econômica.

A educação pública, pega de surpresa pela situação pandêmica, se vê desamparada e despreparada. E ainda quando perpassada pelos novos modelos gerenciais, capitalistas e neoliberais, reproduz as desigualdades históricas sociais nas práticas educativas ao tentar a todo custo transpor as aulas e os conteúdos de outras maneiras a fim de dar continuidade aos anos letivos e não parar o processo de aprendizagem, mesmo que isso significasse abranger de fato apenas algumas parcelas de alunos da rede pública de ensino. Assim, acentuando aquilo que poderia se caracterizar como uma educação para rico e outra para o pobre, explodindo as instituições educacionais públicas de desigualdades. E o professor, o qual possui papel importante no processo de aprendizagem, vê as questões que rodeiam seu trabalho se multiplicarem, enfrentando velhos e novos desafios em seu ambiente laboral.

Conforme apontamos em textos anteriores,

Paulo Freire está entre nós, na atualidade das ideias, nas contribuições que trouxe pelos caminhos da educação popular, no legado que nos deixou, atualíssimo se revisitado com o devido rigor e cuidado que merece. Em tempos em que é preciso explicitar o óbvio, sejamos corajosos como ele. Paulo Freire nos dizia que *“o futuro não é uma província à espera que eu chegue lá, eu sou fazedor de futuro”*. Ele fala que o futuro seria uma invenção da gente, um lugar de liberdade que, para existir, precisaria ser construído cotidianamente no presente (EAD FREIRIANA, 2020a). Gadotti, ao completar 60 anos de magistério, nos brinda com este processo formativo e afirma que, em momentos de perplexidade e de grandes interrogações como o que

estamos vivendo, é preciso que não percamos o contentamento e que nos lembremos que *“a alegria é revolucionária”* (EAD FREIRIANA, 2020a), como nos ensinou Paulo Freire. Com este texto, buscamos exercitar um pouquinho da *dodiscência*, reconhecendo-nos como *eternos aprendizes a subir nos ombros dos grandes mestres da educação* para que seja possível, hoje, resistir e sair da perplexidade para avançar e fazer o futuro com que tanto sonhamos. (MOREIRA, 2021, p.561)

Como pudemos perceber nas discussões e relatos anteriores, o trabalho tem papel importante no que diz respeito à saúde dos sujeitos, sendo potencialmente tanto positivo quanto negativo. Podendo ser fonte de saúde e prazer ou de adoecimento e infelicidade. A qualidade de vida no trabalho, a segurança e bem-estar dos trabalhadores são indicadores que podem gerar em um bom desempenho e possibilidade de transformação do sofrimento vivido no trabalho em saúde para o trabalhador.

Em vista disso e como forma de concluir este trabalho e a pesquisa realizada, nessa seção trarei adiante as contribuições da experiência de participar do projeto em minha formação enquanto psicólogo, bem como reflexões e percepções acerca do vivido nos encontros das rodas de conversa e das práticas educativas no contexto da pandemia no Brasil, a partir dos campos teóricos e pensadores discutidos anteriormente.

Dessa forma, a partir do que foi visto e experienciado nas Rodas de Conversas com Professores da Rede Pública de ensino básico, podemos observar e entender que existe uma necessidade e urgência de olhares e atenção à saúde mental docente. O profissional que já sofria com a constante desvalorização e precarização do trabalho, como a baixa remuneração, infraestrutura precária, inexistência de pausas nas atividades, acúmulo de demandas e carência de recursos materiais e humanos, encontra na chegada da pandemia e na implementação do ensino remoto nas escolas, novos e velhos desafios.

Os educadores enfrentam durante a pandemia a falta de protocolos, diretrizes, políticas, formações e destinação de recursos públicos que sejam capazes de suprirem as novas demandas que surgem constantemente no contexto pandêmico. Fatores que refletem nas dificuldades de estabelecer a oferta e o acesso desta modalidade de ensino remoto aos estudantes brasileiros,

principalmente, no que diz respeito aqueles de classes sociais mais baixas e periferias (PEREIRA et al., 2020). O que escancara cada vez mais e acentua as presentes desigualdades em relação à educação no nosso país.

As condições de trabalho dos professores são bem distantes do que poderia ser considerado adequado. Esses profissionais que possuem papel fundamental no processo de formar novas gerações em uma sociedade mais justa, ética e responsável, adoecem frequentemente em função do seu ambiente laboral e de suas adversidades. As escolas públicas se encontram em estruturas precárias, abandonadas e com enormes dificuldades em lidar com as desigualdades e questões sociais brasileiras, e, dessa forma, acabam favorecendo o adoecimento dos seus trabalhadores que enfrentam dia a dia o cotidiano escolar. Portanto, a vulnerabilidade psíquica da categoria docente que já era uma realidade antes da chegada da pandemia, com ela, se torna ainda mais intensificada com todas as abruptas modificações no trabalho do professor e na crescente demanda de tarefas e resultado.

Além dos efeitos da pandemia no trabalho, a consequente realização das atividades remota no período pandêmico e a limitação dos espaços coletivos de discussão e articulação dos trabalhadores se somam também outros impactos psicológicos diretamente relacionados à COVID-19 e outras situações que se desenrolam nesse contexto. As transformações causadas pelas medidas de prevenção e contenção da pandemia, como a quarentena e o isolamento social, limitam as relações sociais, os contatos presenciais e também restringem momentos de lazer e entretenimento. As pessoas precisaram se isolar. As confraternizações, os momentos juntos, o calor, o afeto, foram se apaziguando nesse momento. Toda essa nova situação, que estranhamente estávamos vivendo, abala as estruturas e se tornam também potenciais fatores de risco para a saúde mental e bem-estar desses sujeitos.

Em vista do momento turbulento vivido, as rodas puderam funcionar como um espaço coletivo de discussão, de ampliação das percepções de si, do mundo e de fortalecimento das práticas sobre o educar, fomentando um ambiente onde pudéssemos pensar e repensar práticas, conceitos, bem como, haver o compartilhamento entre os pares de experiências no trabalho e suas

estratégias de enfrentamento, ou ainda, a constituição de novas estratégias.

Desse modo, a partir dos pressupostos metodológicos e teóricos utilizados, podemos entendê-la também como um momento capaz de proporcionar um momento reflexivo da realidade na qual estas professoras estão inseridas e de reconhecer as precarizações e complexificações do trabalho, ao qual estão sujeitas, para que assim pudéssemos estabelecer um espaço coletivo de diálogo que ultrapasse as idealizações da atividade docente, assumindo formas menos prescritivas, e que de certa forma contribuísse para a promoção o desenvolvimento destas profissionais, bem como de suas autonomias e potencialidades (ALTENFELDER, 2014, p. 10).

Como nos ensinava Paulo Freire, em suas bases e diretrizes da Educação Popular, as rodas de conversa acabaram se constituindo como territórios e dispositivos para que educadoras e educadores “dissessem a sua palavra” (Freire, 1992). Nas palavras do autor,

“Era como se, de repente, rompendo a “cultura do silêncio”, descobrissem que não apenas podem falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-lo. Era como se comesçassem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostrar-lhes que o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado, de certa forma antecipado, na sua imaginação. E não vai nisto nenhum idealismo. A imaginação, a conjectura em torno do mundo diferente do da opressão, tão necessário aos sujeitos históricos e transformadores da realidade para sua práxis, quanto necessariamente faz parte do trabalho humano que o operário tenha antes na cabeça o desenho, a “conjectura” do que vai fazer. Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança - a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blábláblá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular - a da linguagem como caminho de invenção da cidadania” (FREIRE, 1992, p. 40)

De forma natural, ao longo do projeto foi sendo criada uma atmosfera agradável, respeitosa e de vínculos entre as participantes. Os encontros, mesmo que remotamente, entre colegas de profissão em um momento não tão formal e que não envolvessem as atividades de seus trabalhos, foram

ressaltados pelas professoras como momentos de leveza, mas que apesar disso, não deixavam de constituir conversas importantes e proporcionar reflexão.

E, claro, eu como estagiário de psicologia, mediador das rodas de conversa e também participante ativo, não pude deixar de ser afetado pelo desenvolvimento das rodas, por estar inserido nas conversas e fazer parte do diagrama de forças que constituía aquele espaço, o qual foi fundamental para minha formação enquanto psicólogo.

Com as rodas de conversa, pude aprender e viver uma experiência para além dos tão populares e tradicionais atendimentos clínicos individuais, muitas das vezes vistos como a principal forma de atuação da psicologia. É comum que pensem no saber *psi* ou de outros profissionais da saúde no campo educacional como alguém dotado de conhecimento das formas de ser, viver e se portar ou ainda alguém que auxilie na identificação dos alunos com possíveis patologias, que mostre ou dite as formas de tratar dos “alunos-problemas”. Entretanto, nesta minha prática de estágio pude experimentar outras possibilidades de atuação, diferente do que muitas das vezes esperam da psicologia no contexto escolar. Dessa forma, pude descobrir novas psicologias e novas formas de nos inserirmos nos mais diversos espaços, desnaturalizando práticas e conceitos engendrados.

Importante mencionar que o fato de os encontros acontecerem *on-line* permitiu que o grupo se constituísse de profissionais de regiões e cidades distintas, então, era muito rica a troca de experiências em escolas e situações vividas. A partir disso eram trazidos os mais variados debates pelos diferentes cotidianos, relações sociais e instituições, que ainda assim geravam identificação ou instigavam a reflexão e constituição de estratégias para lidar com aquilo que era posto à discussão.

Destaco aqui, a importância de escutar as histórias, vivências docentes e possibilitar novas aberturas num contexto de pandemia a partir do encontro coletivo remotamente e o quanto isto é potente. Mas não só nesse momento de pandemia. Essa experiência mostra a relevância de construir este espaço de escuta, acolhimento e cuidado para e com os professores. Que sejam possíveis mais espaços que permitam aos professores a ampliação das percepções de si,

do mundo, dos outros e ainda de troca de saberes e diálogos. Em direção ao fortalecimento desses sujeitos, das práticas educativas, das políticas educacionais e da cidadania.

Ademais, com um momento de tantos desafios para a educação e à classe docente, é urgente o olhar para as questões que estamos vivenciando e como isso se desdobra no campo educacional. Bem como aos efeitos desses anos de ensino remoto que reverberará futuramente e as marcas que deixarão. As rodas de conversa continuam acontecendo durante a confecção deste trabalho, e agora num outro momento da pandemia, proporcionado pela vacinação e flexibilização das medidas restritivas, novas questões influenciadas pelos longos dois anos de isolamento social e ensino remoto estouram nas salas de aula. Certamente os professores, alunos e demais profissionais da educação viverão uma nova escola e isso não poderá e nem passará despercebido. Não é possível ignorar o que vivemos, é preciso falar sobre as marcas, as angústias e o que estamos vivenciando nesse momento em que podemos estar juntos de novo, depois de um bom tempo distantes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA. A situação dos professores no Brasil durante a pandemia. São Paulo, 2020. Disponível em: <

<https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/junho/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2021

ALTENFELDER, Anna Helena. Formação continuada como parte integrante da atividade docente: um olhar da perspectiva da cotidianidade. Cadernos Cenpec, v. 4, n. 2, jun. 2015. Disponível em:

<https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/298> . Acesso em: 03 out. 2022.

CAMPOS, Marlon Freitas de; VIEGAS, Moacir Fernando. Saúde Mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 28, n. 2, Abr./Jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v28n2.202132> . Acesso em: 04 jan. 2022.

CARDOSO, Marta Rezende; DEMANTOVA, Aline Gonçalves; SILVA, Gabriel Ventura Laura e; ALVES, Júlia Christo Davel; HONORIO, Vitor Hugo Lara; TANNURI, Yasmin de Aguiar. Sofrimento psíquico e trabalho em tempos de pandemia: uma intervenção clínica com educadores. *Estilos da Clínica*, v. 26, n. 1, p. 44-57, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178516> . Acesso em: 21 nov. 2021.

CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 01-24, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236105199>>. Acesso em: 24 de agosto 2021.

COELHO, Elenise Abreu; DA SILVA, Ana Claudia Pinto; DE PELLEGRINI, Tais Barcellos; PATIAS, Naiana Dapieve. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. *PSI UNISC*, v. 5, n. 2, p. 20-32, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/16458> . Acesso em: 21 nov. 2021.

COUTO, Edvaldo Souza.; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777> . Acesso em: 18 de dezembro 2021.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção [online]*. v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004> . Acesso em: 19 de agosto 2021.

FREIRE, Paulo. “Educação ‘bancária’ e educação libertadora” In: Patto, Maria Helena Souza. *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997 (1981).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, André Luiz Castro de; FREITAS, Luciane Albernaz de Araújo. A formação permanente de educadores no pensamento de Paulo Freire. In: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE e VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 2017,

LIMA, Suzana Canez da Cruz; MENDES, Ana Magnólia; COSTA, Marcelo Fernandes. Clínica das Patologias da Sobrecarga no Trabalho. In: *Trabalho e Prazer: Teorias, Pesquisas e Práticas*. Curitiba: Juará, 2015.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, pp. 262-280, Maio-Agosto 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203> . Acesso em: 27 de dezembro 2021.

MACHADO, Adriana Marcondes. Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*. v. 34, n. 03, p. 761-773, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001112013> . Acesso em: 19 ago. 2021.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. *Imagens Da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222> . Acesso em: 19 ago. 2021.

MOREIRA, Daniela Zanoni; RODRIGUES, Maria Beatriz. Saúde mental e trabalho docente. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, set. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2018000300004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 13 fev. 2022.

MOREIRA, Mariana de Castro. *O futuro é uma invenção da gente: seguindo Paulo Freire para reinventar caminhos na confluência entre a Psicologia e a Educação*. In: Abreu, JM; PADILHA, Pr. (Org.). *Mestres do amanhã fazedores do futuro: Informática Freiriana durante o curso da EAD do Instituto Paulo Freire*. 1ed.São Paulo: Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire, 2021, v. 1, p. 559-569

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338> . Acesso em: 24 ago. 2021.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia.

Educação & Sociedade, Campinas, v. 42, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/ES.249236> . Acesso em: 11 nov. 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade.; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antonio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. *Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-734, 2021. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212> . Acesso em: 16 dez. 2022.

PESSOA PEREIRA, Hortência; VIANA SANTOS, Fábio; AGUIAR MANENTI, Mariana. Saúde Mental em tempos de pandemia: os impactos da atividade remota.

Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, aug. 2020.

Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Pereiraetal/3074> .

Acesso em: 11 jan. 2022.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A Educação em Tempos de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 01-24, Ago. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> . Acesso em: 24 de agosto 2021.

ZAIDAN, Junia de Mattos.; GALVÃO, Ana Carolina. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In:

Pandemias e pandemônio no Brasil. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.